

SEXO E VIOLÊNCIA

O mulembá (figueira do diabo) é como a violência, aceita repressão, poda radical, fogo, água, frio, seca e parasitas. Quando atacado sobrevive e até se multiplica. Ele só morre se for arrancado com todas as raízes. Para minimizar a violência não adianta métodos tradicionais, testados em todos os lugares ao longo de milênios. É preciso inovar, injetando felicidade nas raízes da árvore social, cuja pivotante é o sexo, segundo Freud.

Conjugar amor e sexo é mais que perfeito. Porém sabemos que são atitudes independentes. A pílula revolucionou costumes a partir dos anos 60, e o sexo inconseqüente, sem lógica e produto (isto é, amor e reprodução), ganhou espaço. Criamos até o neologismo: ficar!

Promover o amor simplificando o sexo, lição de carinho dos hippies, precisa ser compreendida como estratégia contra a violência. Quem está bem, tende a fazer o bem.

A maneira equivocada de lidarmos com sexo em sociedade, resulta na valorização da prostituição (é o segmento de classificados que mais cresce). Havendo trabalho para realizar contratamos ajudantes, preferindo sempre profissionais para obtemos tranqüilidade e certeza de não sermos cobaias de curiosos. Exigindo qualidade buscamos informações e nos decidimos pelo candidato mais experiente. Entretanto quando o interesse é sexual, a avaliação se inverte, a solução mais cobiçada é junto a inexperientes. Embora uma prostituta completa, ferosa, bonita e fácil (anúncio em jornal) custe menos, procura-se amadoras despreparadas. Na hora em que sexo pode ser seguro, esta inversão perigosa de valores, que só ocorre na área sexual, gera problemas.

Muito antes de existirem homens, até dos australopitecos aparecerem, antes de qualquer manifestação artística ser esboçada, nossos antepassados já se reproduziam. O primeiro ser é o “primeiro” porque foi capaz de cruzar e ter descendentes férteis.

Sexo é função natural, tão essencial à vida quanto respirar ou digerir, se observarmos além do nosso umbigo, pela perspectiva da conservação da nossa espécie. Os humanos privados dos 5 sentidos conseguem sobreviver. Sem sexo, desaparecerão.

Prazeres obtidos através dos órgãos dos sentidos (visão, audição, paladar, tato e olfato) são discutidos, mas em geral não são reprimidos. Podemos ver, ouvir, comer, tocar e cheirar com tranqüilidade, sem constrangimento. Complicamos de tal maneira o sexo que desta atividade orgânica falamos e analisamos mais do que fazemos naturalmente. Nas disputas para acasalamentos os animais revelam disposição em deixar a segurança, para lutar por esse objetivo. O derrotado se retira. Isto não acontece entre civilizados, na vitória não se garante a paz, o respeito do vencido. Muitas vezes a conquista é letal.

Não existe maior insatisfação do que a prisão, a falta de liberdade. Nenhuma prisão é mais eficiente do que aquela que criamos para nós mesmos. Nossa hipocrisia fez do sexo um cativo da honra, religião, costume e da ignorância. Reprimido, tem semeado dor e desamor. Uma sociedade sexualmente bem resolvida converte seus membros à religião da paz e amor. A prostituta não será a sua sacerdotisa, nem Pandora, Eva, Vênus ou as virgens, mistificação e tabus serão esquecidos.

Livres de preconceitos, o amor e sexo irão se encontrar e ajudar a pacificar o mundo. A paz duradoura e universal não se consegue com guerras, orações, nem decretos, mas somando corações cheios de felicidade.